

A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

Propriedade de uma associação

ANNO I

SANTA CATHARINA...DESTERRO—DOMINGO, 28 DE JUNHO DE 1885

NUMERO

EXPEDIENTE

Por emquanto publica-se este jornal aos domingos.

—o—

ASSIGNATURAS:

CAPITAL

Semestre.....4\$000

PELO CORREIO

Semestre.....5\$000

NUMERO AVULSO 100 réis

Pagamento adiantado

—o—

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

—o—

Publicam-se annuncios por preços rasoaveis.

—o—

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas deste jornal, será feita por preços muito favoreis.

—o—

E' impresso este jornal no Gabinete Typographico à rua do Principe n. 63, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 28 de Junho de 1885.

O TABOLEIRO

Assim como a todas as provincias è dado o direito, por iniciativa dos nossos collegas, de pugnarem pelo seu engrandecimento, seja-nos permittido que as imitemos.

Oxalá consigamos, como ellas, os melhoramentos que reclamamos.

Si não conseguirmos, nin-

guem do povo terá que lançar-nos em rosto epitetos que nos envergonhem; ninguem dirá que fomos indifferentes ás agonias que sente a nossa provincia, que fomos inertes no cumprimento dos nossos deveres, inherentes á representação da sua causa; ninguem terá que taxar-nos de indolentes nem que accusar-nos de ter-nos esquecido da nossa missão:—engrandecer a nossa provincia, e lucar e civilisar o povo por meio de nossas idéas, as mais uteis, as mais proveitosas e as que mais se devem adoptar.

Trabalharemos, pois, e muito, para que não seja esquecida, como até hoje, a nossa provincia, por um governo que não sabe respeitar os interesses mais palpitantes do paiz e do povo.

Se por ser a nossa provincia pequena em territorio e

fraca pela boa indole de seus filhos e pela inepeia dos representantes que temos nado ao parlamento não mos conseguido o progresso que nos é hoje, mais que nca preciso, elle nos ha de fazer grandes e ricos um quando o povo já cansa de soffrer as consequencias da pessima administração d'um governo sem critério sem cabeça, adoptar as suas idéas.

.....

Para conseguir-se a triumpho do taboleiro não parece que o governo faça tão vultados dispendios como parece á primeira vista e molhe terão informado dividuos que apesar de serem profissionaes, avali sempre pelo dobro ou tripulo as obras que o es do manda fazer, no intuito

FOLHETIM

5

ALFREDO DE SARMENTO

A' SÉSTA

(CONTOS)

AS MÃS LINGUAS

I

A visita prolongou-se por espaço de duas horas, e repetiu-se todos os dias até á quinta feira seguinte, dia em que sabemos tinham saído de trem, o velho operario, Maria, e o tal rapaz seu novo conhecido.

Quem era pois este personagem?

Nós que estamos ao facto de todas as particularidades d'esta singela mas veridica

historia, vamos satisfazer a provavel curiosidade do leitor.

Joanna, a mulher de Raymundo, um anno depois de casada, não lhe chegando a feria do marido para as despesas urgentes da casa, resolvera amamentar uma creança qualquer que quizessem confiar aos seus cuidados.

Uma senhora brasileira, que então se achava em Lisboa, teudo boas informações da mulher do operario, entregou-lhe o filho, e o pequeno Alberto bebera do mesmo leite com que Jeanua alimentava a filhinha que Deus lhe dára.

A brasileira voltou para a sua patria, levando o filho, e passados dezeseite annos veio este a Lisboa, onde o chamavam negocios importantes, com grande recomendação da mãe de procurar a ama que o creára, e fazer-lhe todo o bem possível, assim como á sua irmã de leite.

Ora, o rapaz que tanto dára que fallar a tia Perpetua, e ao mestre Ignacio, era esse mesmo Alberto que conseguira descobrir a morada de Raymundo, e cumprir as ordens da mãe.

Já vêem os leitores que o cordão de ouro, e o relógio de Maria, tinham sido prendas do moço brasileiro.

Feitas estas explicações, muito necessarias para melhor intelligencia do que vae seguir-se, voltaremos ao ponto em que a tia Perpetua se recolhera para casa, pedindo ao barbeiro que a avisasse da chegada dos visinhos.

Mestre Ignacio entrara para o interior da loja, e repoltreando-se commodamente em uma cadeira, entregara-se a profundo cogitar.

Havia uma hora que o barbeiro gosava "in mente", de todas as peripecias de um escandalo monstruoso, quando lhe entrou pela loja um rapaz alto, bem parecido, e vestido com simplicidade.

—O sr. mestre pode fazer-me um favor? disse elle tirando o chapéu.

—Ora essa, sr. Jeronymo, sempre ás suas ordens, respondeu o mestre com um sorriso malicioso.

Sabe dizer-me se o visinho, o sr. Raymundo, saiu?

Ninguem lhe pode dar melhores informações a esse respeito. O sr. Raymundo saiu de trem, em companhia da filha e do janota que, desde segunda feira, lhe não saia de casa.

—De trem! O mestre Raymundo de t com a filha, e um janota! Eu não entendo o que diz, o sr. mestre.

—Pois a cousa é clara como agua. Quer sentar-se um bocadinho, que eu me plico.

Jeronymo hesitou em aquiescer, mas palavras que acabara de ouvir haviam causado tal sobresalto que, impellido pela curiosidade que o dominava, accedeu offerecimento, e sentou-se.

Mestre Ignacio tossiu duas vezes, e precipiou nos seguintes termos:

—Ha por cá muitas novidades, sr. Jeronymo, e ainda que lhe não podem apparecer, um homem deve ter bojo sufficiente para o que possa acontecer.

Porque, succederia algum desastre a sr. Raymundo? perguntou Jeronymo de ras assustado.

—Qual historia

—Então a meuzina Maria...

—Nunca a vi tão corada e tão alegre.

—Por Deus, sr. mestre, diga-me, o ha de novo?

—Não me interrompa que já vae se tudo. O sr. Jeronymo não deve ignorar que entre visinhos ha coisas que se podem esconder. Ha muito tempo que se sabe que voceccê estava para se casar com a filha do sr. Raymundo, e dizia com os olhos botões; é pena que um rapaz, tão bem comportado, tão amigo de ganhar a vida, fizesse uma escolha d'aquellas.

s caber, directa ou indirectamente, parte, uma boa parte da *fatia* com que somos encher a pança.

Virado o taboleiro do nosso porto, que é lodo simplissime, nunca mais se torna a encher o vacuo que elle car, porque perto do ponto que elle occupa ha sómen-rio Biguassú que na sua uena mesmo insignificante, as aguas não em arêa, nem lodo.

Portanto, pôde o governo, meio de dragas, das dragas de que já dispõe, que são sufficientes, e com o pessoal, empregado no serviço, prestar esse grande melhoramento á nossa provincia, do qual comtilhará, como já disse anteriormente, o paiz inteiro.

Quem não quer que seja preciso, que seja urgente e indispensavel, para regularisar a marcha do serviço, um ou dois engenheiros e mais alguns subalternos... O dispêndio que o governo poderá fazer com esses empregados e missionados é tão insignificante que não irá decerbular os cofres do thesou-

ro. E foram pedidos ao sena-quadro centos contos de para se remover esse taculo á realisação de um melhoramentos que caremos, desde muito tempo; qual foi o resultado do pe-? Pedra em cima e *con-*quintamente—o esque-mento... E' o costume: não ganhamos.

Não precisamos que se fa-esses dispendios absurdos, isto é que se dispenda a quantia fabulosa, desde o governo, dispondo já essencial, que são as dragas e pessoal para o serviço erial, só tenha que pagar pessoal incumbido do tra- científico. O que preci- os é que este ultimo pes- tenha habilitações pro- onaes e seja escolhido

dentre os homens de mais senso e criterio que temos no paiz.

Se lançar-mos um olhar pela immensa vastidão d'este territorio brasileiro tão fecundo, tão rico, tão opulento, e, depois baixar-mos os olhos para as suas finanças, para a sua administração, para a sua politica *escrophiulosa e anemica*, não podemos menos que lastimar a mendicancia andrajoza a que o tem reduzido a madrasta *prote-*ção da monarchia.

N'esta grande immensidade continental, florescem as republicas pequenas, vivas de seivas, ardentes de aspirações e cada uma d'ellas n'esta labutação frenetica pela perfeição de um governo, cahem hoje esphaceladas por uma força que as esmaga, e erguem-se amanhã dos destroços da luta, paraprehenderem novas campanhas em prol dos destinos da luz.

N'estas lutas ha sempre uma fraternidade de aspirações, um eto de pensamento generoso e grande: procura-se.

No nosso seculo o procurar: é ir d'encontro ao desconhecido, arrancar-lhe a mascara e reconhecê-lo.

O desconhecido é um inimigo; reconhecê-lo é destruil-o.

Marchar contra este esfinge do pensamento humano com as armas inoffensivas do talento ou da illustração, esmagal-o com a sciencia e perdoar-lhe clementemente a tyrania é o mais bello apañagio da humanidade.

Noventa e tres foi um volcão; elevou-se como a torre de Babel, mas confundio-se nos odios sangrentos que transformarão os tyranos em martyres, que fizeram dos verdugos a memoria sympathica dos vindouros.

As revoluções tem isto. Noventa e tres não podia

ser outra cousa: destruiu para edificar.

Aquelle anno fatidico vinha dos cofins do feudalismo e ha momentos na vida das nações em que o porvir sepeza n'uma balança, e a folha de um punhal ou a bala de um revolver, decide do destino de uma geração inteira.

Foi assim que se fez a primeira revolução franceza, começando pelo triangulo fatal, que symbolisava a liberdade.

Tres cabeças decepadás: Losme, Fresselles e Launay, o governador da Bastilha.

Então o povo liquidava com a aristocracia os largos juizos que havia pago á avidez tyrana. Depois a sua vingança teve um deslumbramento louco! O sangue cegara-a. Corday apunhala Murat, e o cutello que decepa a cabeça de Luiz XVI e Maria Antonietta faz rolar sobre o estrado do patibulo as cabeças omnipotentes de Danton e Robespierre!

Eis a triste contribuição dos odios, mas...então estavamos no declinar do seculo IX.

Hoje a nossa aurora é mais risonha, o nosso horisonte mais amplo, a nossa esperança mais solida.

Não precisamos de sangue. Para a constituição da nossa republica, carecemos, e isso basta, do concurso dos que crêem em Deus e tem coragem para pugnar pelo bem universal.

A republica não tem patria: filha do povo, pertence por indole a todos os povos, e se pois é de todos, busquemos na omnipotencia das suas attribuições definidas, os preceitos que ella estatue para aquelles que querem ser seus filhos.

Nunca se vio um rio tamanho estender suplice a mão á esmola publica.

Dizer-se que este grande

mendigo é o maior colosso da America do Sul; dizer-se que elle adormece sob um solo estacionado nos veios da sua riqueza aurifera; que os seus rios esquecidos cospem para as margens os diamantes mais preciosos e que a Europa mais inveja; que as suas florestas desprezadas são as grandes proprietarias das suas mais magnificentes madeiras e que...depois de sessenta e tantos annos de independencia conserva ainda a—escravidão—como a garantia de sua industria e da sua lavoura; e que empunhado, exaurido, pobre, mendigo, vem ainda hoje, agora, estender a mão ao paiz, para lhe pedir a esmola de uma nova emissão de 25:000 contos, elle o colosso, elle o argentario, elle o que mais deve, porque converte os nossos esforços em tristes e ingloriosas campanhas eleitoraes, em proteções espurias, em escandalos de administração!..

Povo, vós que sois a voz soberana elevae-vos um dia a altura da vossa soberania omnipotente.

Se o governo vos exora é que o governo mendiga.

Dae a esmola, não como quem a dá a um pobre, mas como quem faz um emprestimo a um inimigo.

O governo tem até hoje feito com vós um emprestimo *de prego*.

Arranca-vos juro pela mais modica quantia que vos concede.

Pagais a agua que bebeis, o estabelecimento que fundaes, a profissão que exerceis, a luz publica que vos esclarece as ruas a propria justiça que elle distribue para subornar-vos o direito...

Pois bem...vós sois o povo, isto é, o rei, respeitae as leis, sede fieis aos bons principios do constitucionalismo, mas reagi contra a preponderancia dos delgados do absolutismo.

Abaixo os privilegios. Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

NOTICIARIO

CAMARA MUNICIPAL

Um nosso assignante dirigio a esta redacção uma carta, que em seguida publicamos, reservando o seu nome, na qual nos pede para darmos um passeio pela rua do Major Costa afim de nos convencermos da veracidade do seu conteúdo.

Eil-a:

Illm. Sr. Redactor.—Em primeiro lugar desejo-lhe saude, e em segundo vou merecer-lhe um obsequio que è:—pelo seu conceituado jornal chamar a attenção de nossa edilidade para o abuzo que se dá na Rua do Major Costa, a qual devido a alguns proprietarios se acha completamente assombrada; è um abuzo que a camara consente e muito concorre para sua desmoralisação; os fiscaes já tem, segundo sou informado, representado á camara que a causa do pessimo estado da rua è o assombramento. Ora se assim è, como o energico Presidente da camara não tem, de accordo com as Posturas Municipaes, obrigado os proprietarios a desassombrar o rua onde preciso fôr? qual !! quanto a mim a causa è outra,—è protecção politica!..para não se perder um voto torna-se surdo ao clamor da imprensa e de todos os moradores d'aquella rua; dizem que não tem no novo código posturas, disposição que obrigue ao desassombramento; e como, ou qual, a intenção dos srs. vereadores actuaes, quando estabelecerão o art. 12 § 5º do novo código, que obriga a plantar-se 4 metros distante da cerca, não seria evitar o assombramento? supponho que está mais que claro, que á camara compete completar a obra, que è mandando desassombrar o existente; isto è logico: não será prejudicial aos cofres da ca-

mara estar continuamente despendendo em pura perda continuamente com aquella rua? logo assim è para bem publico que a camara, deve, por meios seguros, evitar o mal, que è a causa principal, do pessimo estado d'aquella rua.

Se o Sr. quizesse dar ao trabalho de um passeio a essa rua, ficaria, estou certo, convencido do patronato escandaloso que tem os proprietarios que assim procedem; pode o sr. redactor crer que è um abuzo muito principalmente, quando continuamente, vemos portarias da Presidencia da Camara, exigindo que os proprietarios tenham sempre limpas as testadas e desassombradas, etc. Isto è irrisorio!

Confio que o sr. redactor, mais ou menos informado com minhas rudes phrases tractará, com sua aparada penna, deste assumpto que è interesse puramente do povo que por ahi transita, e por esta razão è que animo-me a encommodal-o.

Sem outro motivo subscrevo-me com estima e consideração

De V.

Attº, crº e obrº.

P. S.—Se os proprietarios tivessem a rua assombrada por arvores fructiferas de que lhes dessem resultados, vá lá, que a camara tivesse escrupulo de conseguir o desassombramento.. porém, de bambus!!! è para rir-se.»

Demos effectivamente um passeio por essa rua, estudamos o pessimo estado que a torna quasi intransitavel, e concluimos que elle não è devido à existencia dos sombrios bambus de que trata essa carta e sim devido a uns esgotos que vem de uma ou duas das primeiras e a sã sã dessa rua, donde sahem aguas putridas, e pelo motivo de não ter ella, aos lados, a canalisação precisa para dar correnteza as aguas que

estagnam quando chove. A prova da verdade do que fica dito, è que logo no principio dessa rua ha uma cerca que está bem aparada pelo seu proprietario o sr. alferes Hermogenes e do lado opposto não ha arvoredo algum até certa altura; e no entanto, è justamente onde ella se acha em peor estado.

E' verdade que os bambus de que trata a carta supra prejudicam os transeuntes com a sua exuberante ramagem que cobre um lado da rua por cima da cerca, o que vai de encontro ás disposições das posturas municipais; mas não são somente os bambus que prejudicam a conveniencia publica: ha por quasi toda essa rua e a da Tronqueira cercas formadas de espinhos e outros arvoredos, cuja ramagem está tão crescida, que provam o desmaseo da nossa camara municipal.

Ella, a illustrissima, em certos actos, parece não ter cabeça nem respeitar os interesses e os direitos dos seus municipes, que são sagrados.

E a prova è que, ha já muito tempo, quando mandou proceder ás escavações e a terra da rua das Olarias, que vem da frente da chacara do Sr. Veiga, aprofundou tanto a execavação junto á casa de propriedade e residencia do distincto cidadão Francisco d'Avila dos Santos, que foi abaixo, muito abaixo dos alcerces, o que poderia, como pode ainda acontecer, causar a ruina ou demolição desse predio.

Da face da frente deste á rua, ha uma rampa quasi perpendicular que, com qualquer amolecimento da terra, produzido pelas copiosas chuvas pode, d'um momento para outro abater-se, fazendo-o desabar.

No intuito de evitar uma catastrophe e garantir a sua

propriedade e a vida de familia, Francisco d'Avila quereu á camara, segunos informão, em abril anno p. p., pedindo permissão para fazer nessa rua um calçamento em dec com 0 m. 55 a 0 m. 66 de tura, de modo a poder separar seu predio sem prejudicar o embellezamento e gura da rua referida.

Quer o leitor saber qual o despacho que a sapientissima edilidade deu á petição do sr. Avila?... Eil-o:

«Não tem lugar o que quer o supplicante em vista do parecer da Commissão de Obras Publicas approvado na presente sessão. Que parecer daria a tal commissão?»

E' o que não indagamos nem requeremos por certo com receio que a edilidade illustre e sapiente nos interferisse o nosso requerimento. Seja elle, porem, qual for não tem razão de ser sinão qualificavel como inqualificaveis são todos os actos identicos que a camara pratica. Não ha lei alguma que a autorise a não respeitar as garantias do cidadão; e camara com o procedimento que tem com Francisco Avila, pare negar-lhe as garantias á sua propriedade, e por conseguinte as suas proprias.

Houve uma epocha, que não vai muito longe, em que a Sra. edilidade quiz dar-nos a esperanza de nunca mais consentir que andassem no meio do lixo em que antigamente apodrecia pelas ruas mais centraes da cidade; e o que fez? Mandava por ahi uns homens do trabalho varrer as ruas e praças, juntar e conduzir o lixo para lugar conveniente; e, nós, muito satisfeitos com isso, já garantiamos que o aceio e limpeza da cidade nunca mais acabariam. Mas, só para te o gostinho de nos tornar see

os e mentirosos, a illu-
ma encarregou-se de
var esse serviço á saude
ica e consente que con-
emos a pisar na immu-
a que, em grossas cam-
as, cobre as ruas desta
tal.

omo é bom ser bom!
Quintino Bocayuva.

redacção desta folha fe-
a a provincia de S. Catha-
por ter muito breve co-
seu administrador o Dr.
neiro, a quem outr'ora
heciamos com as mesmas
as que professamos.
e S. Ex. ainda é o homem
publicano que manifesta
idéas de progresso e civi-
zação, com certeza virá fa-
uma administração digna
s maiores encomios, e nós,
citando-nos tambem por
mol-a confiada a um nos-
co-religionario, admiral-
emos.

Para melhor convence-
o-se todos os cidadãos de
anto são uteis e adoptaveis
idéas republicanas, publi-
nos no lugar competente
sta folha o discurso do
inente deputado republi-
no Campos Salles. Por ser
ande não podemos publi-
o na integra, o que senti-
os, reservando-nos con-
il-o no proximo numero

Acha-se entre nós o nosso
distincto amigo J. Machado
vares que aqui residio por
nito tempo, durante o qual
ube adquirir as melhores
lações de amizade.
Segue hoje para o sul onde
e desejamos mil venturas

ERRATA

Na primeira pagina de nos-
a folha de hoje sahiu um
tro que passamos a corri-
l-o:
No fim da terceira colum-
ultima linha e no princi-

pio da quarta dessa pagina,
onde se lê -pequena em ter-
ritorio e fraca pela boa indo-
le de seus filhos e pela ine-
pcia dos representantes, etc.,
—lêa-se—pequeno em terri-
torio e fraca pela ineptia dos
representantes, etc.

DISCURSO PROFERIDO EM 11
DE JUNHO DE 1885

Para provarmos aos nos-
sos leitores o quanto são pu-
ras e adoptaveis as doutrinas
republicanas, que professa-
mos, transcrevemos do *Diario
Official* de 16 do cor-
rente o importante discurso
proferido na Camara dos De-
putados pelo distincto depu-
tado republicano Campos
Salles.

O sr. PRESIDENTE:—Tem a pala-
vra o sr. Salles.

O SR. CAMPOS SALLES (*movi-
mento de attenção*):—Sr. presidente,
a Camara ha de permittir que eu
me prevaleça da primeira oportu-
nidade que se me apresenta, na
conformidade dos estylos, para en-
trar em considerações geraes de
ordem de politica.

Os meus adversarios, que repre-
sentam os dous partidos monarchi-
cos e que tem tido bastante tempo
para fazer o mais amplo uzo desta
faculdade, devem ouvir, ao menos
com tolerancia, as expansões de um
partido que tem estado sempre afas-
tado desta tribuna.

Sr. presidente, o paiz já conhe-
ce a posição dos deputados repu-
blicanos nesta Camara. Já decla-
ramos, com a lealdade que devemos
aos nossos adversarios, que não ha
pontos de aproximação, nem lin-
has de afinidade entre nós e aquel-
les que aqui representam o princi-
pio monarchico.

Somos da opposição radical, por-
que o nosso pensamento politico, a
nossa aspiração é a transformação
completa do systema, é a reorga-
nisação politica do paiz.

O sr. PRUDENTE DE MORAES:—
Apoiado.

O sr. CAMPOS SALLES:—Neste
ponto de vista é claro que nos a-
chamos igualmente distantes, tanto
daquelles que se intitulam liberaes,
como daquelles que se chamam
conservadores. Esta ha de ser, sr.

presidente, a nossa posição em fren-
te destes dous partidos, enquanto
elles por sua conducta mostrarem
que convêm, tacita ou explicita-
mente, em que neste paiz a razão
do Estado seja a vontade imperial.

O sr. PRUDENTE DE MORAES:—
Muito bem!

O sr. CAMPOS SALLES:—Sr. presi-
dente, que esta é infelizmente a
attitude dos partidos monarchicos
em presença da Corôa, attitude
censuravel e inconveniente, porque
é a attitude das fraquezas e das hu-
milhações...

O sr. MAC-DOWELL:—Não apoia-
do.

O sr. CAMPOS SALLES:—... ainda
ha pouco confirmou o nobre presi-
dente do conselho, quando, ao apre-
sentar a esta Camara o seu gabi-
nete, disse que todo o desvio da Co-
rôa é devido aos partidos politicos e
aos seus chefes.

Desde logo se me afigurou da
maxima importancia esta declara-
ção do nobre presidente do conse-
lho para o julgamento do regimen
monarchico no nosso paiz, porque
della se podem tirar duas conclusões,
cada qual a mais grave e do
maior alcance.

O sr. LOURENÇO DE ALBUQUERQUE:
—Mas nenhuma contra o regimen

O sr. CAMPOS SALLES:—Mostra-
rei mais tarde que é contra o re-
gimem. O nobre deputado espere a
deducção de minhas ideias e ha de
ver que este facto depõe contra o
regimem. «Apartes».

A proposição do nobre presiden-
te do conselho foi esta: todo o des-
vio da Corôa é devido aos partidos e
seus chefes. «Não apoiados.» E o
que está no seu discurso. E desta
declaração deduzo, como disse,
duas conclusões: 1.ª, que a Co-
rôa tem praticado desvios «não
apoiados»...

O sr. ILDEFONSO DE ARAUJO:—
Elle disse—si a Corôa tem pratica-
do desvios. Fallou hypotheticamen-
te.

O sr. CAMPOS SALLES:—... 2.ª,
que os partidos monarchicos em vez
de se levantarem com altivez e
energia, impellidos pelo sentimento
do patriotismo, e pelo amor à liber-
dade para impedirem os excessos
da Corôa, e para obrigar-a a man-
ter-se nos limites da legalidade, ao
contrario tem accitado perante o
paiz a cumplicidade das faltas com-
mettidas pela Corôa. «Não apoiados
e apartes»

O sr. PRUDENTE DE MORAES:—
Apoiado.

O sr. CAMPOS SALLES:—A decla-
ração do nobre presidente do conse-
lho, si tem o valor excepcional
de ser produzida, não por um ex-
ministro de estado, mas por aquel-
le que ainda é o presidente do con-
selho de ministros, não é a unica
entretanto, porque antes de s. ex.
já estadistas notaveis, chefes im-
portantes dos dous partidos monar-
chicos tinham denunciado a exist-
tencia dessa anomalia no governo
do nosso paiz.

O sr. JOÃO PENIDO:—Quando fóra
do poder.

O sr. CAMPOS SALLES:—Mas o no-
bre presidente do conselho a fez
quando do poder.

O sr. ILDEFONSO DE ARAUJO:—A
proposição do nobre presidente do
conselho é hypothetica, «Ha outros
apartes.»

O sr. CAMPOS SALLES:—A propo-
sição do nobre presidente do conse-
lho é positiva «não apoiados e apar-
tes», não é condicional.

O sr. ILDEFONSO ARAUJO:—Si ha-
via desvios—disse S. Ex. (Ha ou-
tros apartes.)

O sr. CAMPOS SALLES:—O nobre
presidente do conselho, confirman-
do a sua proposição, declarou que
como jornalista e deputado tinha
por vezes censurado o absolutismo
da Corôa, e que esse absolutismo
se dava, porque não havia liberda-
de no eieitorado. A Corôa estava
de posse do poder absoluto, confir-
nou S. Ex., por falta de verda-
deiras eleições.

Mas, accrescentou: hoje não
existe mais; hoje não passa de uma
ballela o poder pessoal. Porque?
Porque a reforma eleitoral, o nosso
regimen de eleições actual extingui-
uiu, annullou, no conceito de S.
Ex., o poder pessoal. (Apoiados.)

Portanto, S. Ex. confirmou que
antes da reforma eleitoral houve
abuso de poder por parte da Corôa.
A sua proposição foi positiva e não
condicional. (Cruzam-se diversos
apartes.)

Na ultima sessão da legislatura
passada o Sr. Ferreira Vianna, cuja
competencia e autoridade ninguem
póde contestar, disse d'aquella tri-
buna que não julgava compativel
com a dignidade humana a posição
de deputado no governo de uma só
vontade, porque era incontestavel a
influencia indebita e exagerada do
Imperador nos negocios do Estado:
e accrescentou—que já havia per-
dido a esperança de ver essa influ-
encia combatida por uma resisten-
cia bem combinada por parte dos
partidos politicos, porque conhecia
quanto tinha sido longo e paciente
o trabalho do principe usurpador
para enfraquecer os partidos e abater
os seus chefes.

(Continua)